



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**CRIANÇA E RELIGIÃO: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
A PARTIR VIVÊNCIA RELIGIOSA EM UM
TERREIRO DE UMBANDA EM PARINTINS (AM)**

GT 1: O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA
IDENTIDADE ÉTNICO-RELIGIOSA NA AMAZÔNIA...

Roberlan Melo da Silva¹

Renner Douglas Gonçalves Dutra²

Clarice Bianchezzi³

¹ Acadêmico do curso do 8º período de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: roberlan90@gmail.com.

² Mestre em Educação e Ensino de Ciência na Amazônia e professor do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: rennergoncalvesdutra@hotmail.com.

³ Professora mestre, docente do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: cbianchezzi@yahoo.com.br.

Este trabalho tem como objetivo debater conceitos e elucidar o entendimento da umbanda como religião. Objetiva fundamentar a Umbanda como entidade religiosa, compreendendo-a como religião, relacionando-a o conceito de cultura como contribuição para o entendimento do fenômeno religioso e estabelecendo-a nas categorias do sagrado e profano, o conceito de cultura, de espaço e tempo sagrado, bem como a presença da divindade (es). Trata-se de um trabalho bibliográfico. Fundamentou-se nos seguintes teóricos: Alves (2008), Azevedo (2009), Durkheim (2000) e Eliade (1992). O estudo contribuirá para o entendimento da umbanda como religião, tendo como base as categorias que circundam o aspecto denominado religião. Trata-se de um recorte da pesquisa de iniciação científica desenvolvida no CESP/UEA, com apoio da FAPEAM.

Introdução

A diversidade religiosa e cultural do Brasil nos remete a uma complexa análise da própria história da miscigenação do povo brasileiro. Discuti-la é trazer para o campo de pesquisa a própria diversidade cultural do país, visto que cada matriz religiosa tem em sua gênese um aspecto cultural próprio. Para entendermos melhor as particularidades de uma determinada religião precisamos deixar preconceitos causados por visões etnocêntricas, mergulhar intensamente no contexto de cada grupo social construtores ou experimentadores do sagrado.

Ao falarmos sobre a umbanda, estamos discutindo uma religião que possui todo um aparato de categorias que fundamentam sua própria identidade, ou seja, o sagrado, o profano, o ser supremo e etc. e que permeiam as grandes religiões conhecidas no mundo, como o cristianismo, judaísmo e budismo. Essas categorias nos fazem refletir que todas as religiões possuem um ponto de convergência que são os dogmas e ritos. O que mudam são as denominações dadas às entidades religiosas e a forma de como são conduzidas às cerimônias.

Desta forma, o estudo buscou compreender a umbanda como entidade religiosa, partindo das reflexões do conceito de religião, análises das categorias e às contribuições do conceito de cultura para o entendimento o fenômeno religioso. Serviram de fundamento a este escrito de caráter bibliográfico os teóricos Alves (2008), Azevedo (2009), Durkheim (2000) e Eliade (1992) entre outros. O presente artigo está organizado em quatro tópicos: o primeiro discute o conceito de religião; o segundo evidencia as categorias do sagrado e profano; o terceiro a contribuição do conceito de cultura para o entendimento do fenômeno religioso e o quarto traz a análise da umbanda como religião.

1. Religião e seus conceitos: aspectos discursivos.

Para dialogarmos com a umbanda na categoria de religião precisamos entender este complexo fenômeno chamado religião. Neste primeiro tópico iremos discutir o conceito e as características intrínsecas ao conjunto religioso.

Baseado em Abbagnano (2007) no verbete Religião apresenta que etimologicamente sua derivação vem do termo *relegere*, definindo assim, aqueles que cumpriam cuidadosamente todos os atos do culto divino. Que reliam atentamente os livros sagrados e por isso foram denominados de religiosos e cumpriam as obrigações. Tais obrigações seriam pautadas na crença da garantia sobrenatural de salvação e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia. Tais técnicas estão relacionadas às ações e práticas do fazer religioso como: sacrifícios, orações, festas de devoção entre outros.

Desde os tempos mais remotos a religião sempre esteve presente na mais simples essência de costumes do homem; independentemente de seu credo ou manifestação do mesmo, converge em ter para si uma diferente visão do mundo em relação ao mundo não religioso. Por meio da família e a comunidade todos eram educados conforme a crença que os rodeavam, “por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas e que neste universo encantado e maravilhoso se revela um poder espiritual” (ALVES, 2008, p.03), a perspectiva indicada pelo teórico ressalta o conhecimento adquirido pelo diálogo cultural.

Entre as divergências de conceito apresentados pelas várias religiões, há de se destacar a ideia inerente a todas elas, a de dar sentido à existência humana. Em meio a um mundo onde o capital e as desigualdades sociais se fazem presentes refletimos a vida humana na maioria das vezes de forma negativa, a religião mantém o sentimento de esperança atribuindo a vida um significado de felicidade.

A religião se mantém viva principalmente no seio familiar, transmitindo os conhecimentos e doutrinas de suas práticas de geração a geração. No dizer de Alves (2008, p.10) é: “Em meio a esse mundo conturbado que o próprio homem construiu, a religião é reflexo da insatisfação humana diante de sua realidade, tal insatisfação gera sentimento de tristeza, angústia, em meio a essa turbulência do mundo material”. O autor refuta que a religião é a representação de uma utopia real, pois busca por meio desta dar um sentido significativo a sua vida, ela se torna o reflexo oposto à insatisfação, um espelho positivo diante das adversidades.

Diante dessa discussão que relaciona a religião com a utopia da felicidade, nos perguntamos o que é religião? Qual seu sentido para o homem que a cultua?

Para Alves (2008, p.10) a religião se apresenta como: “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza”. O mundo religioso é um abstruso aparato de crenças sagradas que abrange tanto o imaginário como o material relacionado ao ser humano. Percebe-se claramente esta crença materializada nos santuários, altares, rezas, renúncias, canções, festas, objetos e adorações entre outras características do homem religioso.

A religião nasce “com o poder que os homens têm de dar nomes às coisas [...] a religião nos apresenta como certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos” (ALVES 2008, p.10). Com a construção dessa rede de símbolo o ser humano oportuniza a construção de barreiras contra um mundo “frio” entregue ao caos e traz o sagrado como categoria primordial do mundo. A essa capacidade do ser humano de dar nomes as coisas e apresenta-las como diferentes é que Eliade (1992) distingui como sagrado e profano:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano [...] a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” [...] são hierofanias (ELIADE, 1992, p. 09).

Hierofania está relacionada à experiência religiosa, onde toda a natureza está suscetível ao sagrado como manifestação do mesmo através de elementos naturais como água, pedra ou outros objetos da natureza. Salientarmos que o ser humano é diferente e para cada religião são adotados símbolos díspares, no entanto com a mesma “função” de tornar sagrado o espaço humano, transformando-o em religioso: “há aquele que fazem amizade com a natureza, e reconhecem de que dela recebem a vida” (ALVES, 2008, p.12).

Usam e manipulam os elementos da natureza de forma respeitosa, “há também os companheiros da força e da vitória, que abençoa as espadas, as correntes, os exércitos e o seu próprio riso. Há os sofreadores que transformam os gemidos dos oprimidos em salmos, as utopias da paz e dá justiça eterna” (ALVES, 2008, p.12).

Toda essa visão sagrada do mundo remete a luta por valores, onde a religião concebe o ser humano na perspectiva de objetivos melhores, movidos pelo desejo onde os sonhos são o alimento, o ecoar dos anseios. Corroboramos com Alves (2008, p. 44) quando afirma: que “a religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor”. A religião reflete a mais pura essência do ser

humano como ser de felicidade, transborda através de suas doutrinas e leis que para o mesmo irá melhorar o mundo profano e, conseqüentemente, a sua vida. Mas cada religião reflete o valor do próprio ser humano e sua crença sobre Deus será exatamente sua autoconsciência.

Referenciado por Scott (1997) que amplia o entendimento quando traz sua posição ao enaltecendo a religião como um sistema de relações sociais, organizada por instituições com regras próprias. No entanto, ressalta as visões de mundo, os valores e as experiências partilhadas em sociedade.

Outra contribuição foi trazida por Geertz (1966), a partir da ideia de que a religião também é um sistema, porém de símbolos que constitui sentimentos e concepções de ordem unânime a determinada comunidade. Tal comunidade explicita Durkheim (2001) é um tipo de sistema unificado de crenças, que engloba seus adeptos num grupo moral agregado.

Contudo podemos afirmar que a religião é um sistema complexo recheado de ideologias, cada ideologia é defendida por um tipo de ser humano pautado em sua forma peculiar de ver o mundo. Essa forma de entender o mundo como sagrado está entrelaçada a um aparato de regras, doutrinas, e na utopia de um mundo melhor e mais igualitário.

2. Entendendo as categorias de sagrado e profano: elementos constitutivos da religião

Na visão dos estóicos as religiões convergem de um mesmo pensamento, de uma mesma verdade fundamental. O que varia são terminologias que nomeavam o nome das divindades, esse diálogo entre as religiões está centrado em uma única verdade que designa uma só divindade. Dentre outros aspectos e ideologias que as religiões dialogam é em relação a salvação, com estes pontos de vistas todas as religiões são equivalentes (ELIADE, 1992).

As categorias do sagrado e profano na religião remetem dois conceitos distintos, mas de uma base substancial para entendermos o fenômeno religioso. Entendemos vulgarmente os conceitos quando declaramos os elementos sagrados como sendo recheados de uma áurea divina e profana como se tais elementos não tivessem nenhuma importância para o religioso.

Para entendermos essas duas modalidades, precisamos de uma análise das experiências religiosas. Eliade (1992, p.12) enaltece que “O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais”, estas manifestações se dão primordialmente pela hierofania, que é a capacidade de ser humano sacralizar o natural para expor sua crença de maneira concreta. Estes objetos que de início eram profanos, revelam-se através do homem numa sacralidade cósmica, tornando uma hierofania (ELIADE 1992).

A diferença entre o sagrado e o profano está na própria concepção de homem em relação ao seu mundo, o homem moderno advindo de uma concepção racionalista fundamenta moderna vê e analisa esses atos como um fenômeno orgânico, necessário para a sobrevivência. O homem religioso vê suas práticas em plena comunhão com o sagrado, cada ato se torna um *sacramentum*, cada ser/elemento da natureza possui sua sacralidade, portanto deve ser respeitada e reverenciada. Eliade (1992, p. 14) enaltece essa dualidade de ser humano ao esclarecer “o leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história.” Essas duas modalidades refletem dois tipos de lugares, um representado por uma sacralidade onde o ser humano religioso acredita ser divino e outro sem nenhuma expressão de sagrado, esses lugares são reflexos do pensamento do humano sagrado e do humano profano.

Em toda experiência religiosa existem dimensões específicas principalmente do espaço sagrado como sendo uma estrutura significativa. Assim, nos apresenta Eliade (1992, p.17).

Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo [...] espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo.

O espaço sagrado é o ponto de reflexão e autorreflexão, tanto de ações presentes, passadas e futuras. É o eixo central no espaço do ser humano religioso e revela-se em uma hierofania do espaço, onde o homem estabelece a manifestação do sagrado e por conseqüente sua adoração no espaço. Torna-se parte importante do processo religioso. É o espaço fora do mundo profano e, seu refúgio, o local mais próximo de deus ou deuses.

O mundo profano não mantém essa sacralidade do espaço, o que há é a homogeneidade, a linearidade, não havendo um ponto fixo, os espaços tornam-se importante de acordo com a necessidade da experiência profana, a ontologia deixa de ser presente (ELIADE, 1992).

Dentre os aspectos entre o mundo profano e o sagrado destaca-se a zona de comunicação entre os mundos, Eliade enaltece “o limiar é ao mesmo tempo, a baliza, a fronteira e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam [...] tem os seus “guardiões”: deuses e espíritos que proíbem a entrada de adversários humanos e demoníacas. É no limiar que se oferecem sacrifícios às divindades guardiãs” (ELIADE, 1992, p. 19). O templo em si assegura essa comunicação, essa característica está presente nas religiões e a luta entre seres do mal e do bem sempre estarão presentes, e o ser humano sempre será o objeto ambicionado pelas partes em disputas.

A construção desses espaços sagrados perpassa toda uma orientação e técnica de construção, essa edificação tem em seu aparato todo um ritual considerado pelo ser humano como sagrado, o desejo maior é construir algo mais próximo de Deus/Deuses. Esse ritual equivale a cosmização do território e possui toda uma complexidade de culto as divindades e defesas contra supostas ameaças. Ainda sobre o espaço nos afirma Eliade (1992, p. 25).

[...] A manifestação do sagrado no espaço tem, como consequência, uma valência cosmológica: toda hierofania espacial ou toda consagração de um espaço equivalem a uma cosmogonia. Uma primeira conclusão seria a seguinte: o Mundo deixa se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado.

O espaço reflete desde sua edificação até às formas de sua apresentação através de rituais toda crença do ser humano. É considerado um lugar diferente do resto do mundo, um lugar capaz de interligar a humanidade aos deuses e, necessariamente, torna-se seu refúgio. É dotado de simbolismo, em um universo sagrado e exprime-se na vontade de habitar um mundo sublime.

Outro aspecto que diferencia as categorias de sagrado e profano é o tempo. Que na experiência se apresenta em suas duas dimensões: de forma direta e linear que é o tempo cronológico (*Kronós*) formado pelos segundos, minutos, horas, dias, anos e séculos. A outra dimensão de tempo (*Kairós*) é o que não tem medida, está ligado ao ciclo da natureza. É o tempo *aiônico*, do sagrado.

Segundo Eliade “[...] o tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, um tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização (*annaminésis*) de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico” (ELIADE, 1992, p.38). As comemorações, festas, feriados sempre se revitalizam a cada ano com a celebração e o contínuo da cultura e da crença do ser humano religioso, o que vemos é um tempo de festas periódicas, a culminância da fé do que se foi vivido até o presente momento.

Eliade destaca também o tempo profano e “[...] Para o homem não religioso o Tempo não pode apresentar nem rotura, nem “*mistério*”: constitui a mais profunda dimensão existencial do homem, está ligado à sua própria existência, portanto tem um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da existência” (ELIADE, 1992, p.39). O tempo profano possui características de descontinuidade, porque em seu ritmo temporal há espaços para diferentes tarefas como, o trabalho, o escutar de uma música, uma atividade física e há o tempo festivo. O homem profano não vê a sacralidade em suas celebrações temporais, no entanto vive-a como parte integrante de sua história.

Dentro do espaço profano os fatos são tratados de forma visível, é o aparente real que lhes interessa, assim o ser humano dá importância a questões como política, custo de vida e todo aparato de mundo desenvolvido que assola seu cotidiano. Já sob a percepção do mundo sagrado a linguagem se refere além do material, entra em cena o poder do invisível, onde os olhos da fé os contemplam. Concordamos com Alves (2008, p.11) quando afirma que “o sagrado se instaura graças ao poder do invisível. E, é ao invisível que a linguagem religiosa se refere ao mencionar as profundezas da alma, as alturas dos céus, o desespero do inferno, os fluidos e influências que curam, o paraíso, as bem-aventuranças eternas e o próprio Deus”. A transposição dos objetos ganha uma nova dimensão e adquirem sinais e consagração do invisível. Tempo do movimento sem movimento, tempo do permanente apresentar.

Entender as categorias do sagrado e profano nos leva a refletir sobre dois tipos de seres humanos, de um lado o religioso que professa sua fé nas divindades, percebendo o mundo ao seu redor como um espaço sagrado, dotado de espíritos bons e maus; seu sentido de vida vai além da vida mundana/cotidiana, acreditando que existe um “porque” para as respostas ainda não respondidas de forma científica da natureza. Por outro lado, o humano profano se contrapõe em acreditar no invisível, prefere viver aquilo que está sob seu olhar, sua existência cabe somente a sua história na vida terrestre.

3. O conceito de cultura: contribuição para o entendimento do fenômeno religioso

Durante muito tempo o conceito preponderante de cultura foi o civilizatório fundamentado no etnocentrismo europeu (europocêntrismo) levando a crer que outros povos que não estivessem no círculo cultural como indígenas e africanos estavam classificados como selvagens e subalternos. Esta visão no decorrer dos séculos começou a ser quebrada quando com o advento das novas ciências, principalmente dos estudos antropológicos começaram a defenderem que cada cultura possui seu caráter peculiar, sua própria vertente, de modo que não se podia hierarquizar as culturas devido a multiplicidade de critérios constitutivos das mesmas. O número diverso de culturas segue a própria multiplicidade histórica. (SANTOS, 2008). A esse respeito, Laraia (2001, p.10) ressalta que “essas diferenças se explicam, antes de tudo, pela história cultural de cada grupo”. Em sua historicidade cada povo possui suas características próprias de relação com a natureza e com os indivíduos formadores da nação.

Compreender o conceito de cultura nos faz refletir a religião como um campo cultural, onde há doutrinas e formas ímpares de espíriar o mundo. A variação cultural reflete a multiplici-

dade da existência religiosa dos povos. Falar em diferenças culturais é tratar de distintas percepções, para alguns visto como dogmas religiosos. A cultura em si, transfere ao ser religioso costumes e crenças advindas do meio social.

Assim é que buscamos explicitar a cultura como contribuição ao entendimento do fenômeno religioso em meio a essa vasta arena de contestações. Compreender cultura nos remete a pensar em diferentes formas de organização social, díspares em seus modos de expressar a realidade de cada povo ou etnia. A religião é um campo peculiar da expressão cultural, essa expressão remete as práticas e costumes de cada povo.

A cultura em geral está marcada por diversos momentos de conflitos o que gera uma dinamicidade como característica ímpar dessa realidade, “assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 2008, p.07). cada realidade cultural possui sua coerência interna, onde seus costumes e práticas que devem ser conhecidas e entendidas de acordo com suas experiências existenciais.

Enaltecemos como característica da cultura o repasse de conhecimento entre gerações. Laraia (2001, p.24) esclarece, “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. O que ocorre neste aspecto é a educação ocorrida no espaço sociocultural onde as antigas e novas gerações vivem em constante diálogo, ocasionando uma educação cultural, onde os costumes, práticas, crenças e todo aparato social de determinada sociedade/comunidade será mantido como base para a formação das gerações. No entanto destacamos que toda cultura está em constante contato com culturas diferentes, ocasionando sempre mudança em seus aspectos. Essa assertiva é corroborada por Alves (2008, p.08).

A cultura, nome que se dá a estes mundos que os homens imaginam e constroem [...] É necessário que os mais velhos lhes ensinem como é o mundo. Não existe cultura sem educação. Cada pessoa que se aproxima de uma criança e com ela fala, conta histórias, canta canções, faz gestos, estimula, aplaude, ri, repreende, ameaça, é um professor que lhe descreve este mundo inventado, substituindo, assim, a voz da sabedoria do corpo, pois que nos umbrais do mundo humano ela cessa de falar.

A cultura está inteiramente relacionada ao modo de educação desejada. Nos mais simples gestos a criança está sendo construída de acordo com sua cultura. Na religião encontramos aspectos fundantes a essa característica cultural dos povos, o conhecimento religioso, as práticas religiosas, as doutrinas, todo o conjunto de crenças é herdada pela nova geração por intermédio da

educação familiar e social, preservando maneira cultural religiosa do povo a que pertence. Santos (2008, p.10), compreendemos que “cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes”. Essa relação retrata o aspecto dinâmico da cultura que, tem por essência a relação da sociedade com a natureza e de seus membros entre si. Santos (2008, p.19) assevera que “cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma”. Essa assertiva sobre cultura se especifica ao conhecimento, crenças e opiniões de um povo, é a própria característica existencial que está relacionada ao modo de organização da vida social, assim como a seus aspectos materiais.

Ao se tratar de cultura como dimensão da realidade social, essa visão perpassa vários aspectos de uma sociedade, como conceitos, princípios, ensinamentos, práticas cotidianas e rituais. Todos esses aspectos característicos de uma determinada sociedade ou grupo estará interligado ao seu modo particular de expressão da arte, do esporte, da religião, política. Santos (2008, p.36) argumenta que “essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência” Em se tratando de religião esse conhecimento não se mede pelo significado de uma única divindade, mas a importância do entender o conjunto de concepções, organização e expressão da religião em sociedade.

Podemos pensar que a religião é uma ramificação de um conjunto complexo, denominado “cultura”, ela reflete e influencia o modo de como o ser humano religioso produz sua própria cultura. Em seu contexto a cultura torna-se um produto histórico-coletivo. Santos (2008, p.39) esclarece que, “lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições - esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura (vivência), a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte”. Todos os aspectos culturais fazem parte de uma realidade e jamais pode ser considerado isolado.

Laraia (2001, p. 31) contribui ao salientar que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.

Podemos perceber que tanto Laraia (2001) como Santos (2008) compartilham maneiras coerentes ao pensar o que é cultura, tratando-se de uma dimensão social dinâmica que inclui diversas particularidades como a própria religião, a política, o modo de ver o mundo, a organização da família entre outros aspectos, sendo que a dinâmica é característica dessa dimensão da vida social. Na cultura nada é simples, todos os aspectos como religião, política, as leis, os costumes e outros formam a sociedade e cada componente possui sua importância manifestando sua complexidade.

Dessa forma, não podemos hierarquizar as culturas, pois cada uma possui um aspecto histórico distinto da outra e a diferença será o ponto culminante entre elas. O fenômeno religioso partilha desse aspecto, pois ele refletirá a experiência de cada grupo social, seu contexto histórico, suas doutrinas, cultos, o modo de ver o mundo. Outro aspecto em que a cultura nos faz entender a religião está relacionado à educação em sua tridimensionalidade – informal, formal e não formal. Desta forma, podemos afirmar: não existe cultura sem educação e não existe religião sem educação ainda que prevaleça a informal, onde os princípios religiosos são compartilhados entre familiares ou grupo social.

Se pensarmos cultura principalmente pelo viés da realidade social, veremos sua complexidade como característica fundante, pois mesmo ela sendo aspecto da cultura, ela pode ser vista a partir dessa dimensão não deve ser vista como sendo uma mera representação de utopia, mas a concebendo como princípios, ensinamentos e também como práticas de rituais. Todo este aparato religioso refletirá a própria ação do ser humano sobre a natureza. O modo de como produzirá sua cultura tem base em sua religiosidade. Assim, podemos conceber que a cultura será a própria expressão da religião, do ser humano religioso. E o que pode explicar o fenômeno religioso? São os próprios contextos e particularidades históricas de cada cultura.

4. Entendendo a umbanda como religião: análise a partir de conceitos e categorias religiosa

Existem vários aspectos circundantes que ligam características religiosas em geral à religião umbanda. Neste tópico apresentaremos alguns atributos que evidenciam a umbanda como religião propriamente dita. Em meio à discussão até aqui apresentada foi evidenciado como constitutivo do fenômeno religioso as categorias: de sagrado, de profano, o conceito de cultura, de espaço e tempo sagrado, bem como a presença da divindade (es). Tais categorias são possíveis de serem percebidas como componente do fenômeno religioso chamado de Umbanda.

A primeira característica cultural que ligam todas as religiões sejam elas particular ou universal, é a educação cultural por meio da instituição chamada família. Toda criança inicialmente é educada de acordo com os costumes e tradições do seio familiar, por meio de relatos, histórias, e experiências religiosas. Essa característica acarreta em uma transmissão de conhecimento e doutrinas repassadas de geração a geração, dessa maneira mantendo viva a tradição da cultura de determinado grupo social esse princípio é perceptível na umbanda.

Outro aspecto importante trata-se em debater o que é religião, discutimos juntamente com Alves (2008) que se trata de um conjunto de símbolos, é a transubstanciação da natureza, a espera de horizonte de felicidades. Todo esse conjunto nasce com a capacidade que o ser humano tem de dar valor espiritual às coisas. Assim, a umbanda também se apropria dessa qualidade conveniente a outras religiões, o que chamamos de hierofania tratada por Alves (2008) como a manifestação do sagrado através de elementos naturais, expondo sua crença de modo concreto. A umbanda destaca-se em reconhecer que a natureza é a própria vida do ser humano, que usando e manuseando os elementos naturais respeitosamente, faz acontecer o processo de adoração que se dá pela fé e respeito aos Orixás, que são divindades que detêm a força da natureza, nos dizeres de Azevedo (2009, p.19), “cada orixá controla e se confunde com um elemento da natureza, do planeta ou da personalidade humana, em suas necessidades e construções de vida e sobrevivência”. Entende-se que cada orixá é a própria emanção de Deus através das forças da natureza.

Independentemente de quais entidades ou quais Deuses, toda religião possui uma visão sagrada do mundo, possui a luta por valores que na maioria das vezes se convergem, concebendo o ser humano na perspectiva de sonhos melhores, o que varia são as nomenclaturas de tais divindades. Todo esse aparato de desejos e doutrinas é base de um sistema de relações sociais, formada por instituições com princípios próprios.

Na Umbanda Paleari (1999, p. 202) esclarece que:

O mundo da umbanda é povoado de espíritos e entidades espirituais que regulam a vida cotidiana e permitem que o fiel se relacione facilmente com o universo das realidades sagradas. Essa maneira de ver o mundo não é uma prerrogativa do universo umbandista, mas é facilmente encontrada em toda forma de religiosidade popular.

O ser humano umbandista enxerga sua prática em comunhão com o sagrado, onde cada elemento da natureza possui sua sacralidade, possui um ser divino que rege sobre tal característica natural. Dessa forma, na correlação a uma das dimensões do sagrado, destacamos o espaço religioso como

construção significativa. Esse espaço possui uma grande importância para o ser humano religioso, trata-se de uma orientação, um espaço de reflexão, um lugar sagrado um ponto de ligação entre o mundo material e espiritual. Eliade (1992) esclarece como uma hierofania do espaço, na umbanda os espaços naturais como o mar, o rio, as matas, as encruzilhadas, são espaços sagrados, no entanto cabe destacar a importância do terreiro, o lugar onde acontecem as giras, os trabalhos espirituais e as festas de guias e orixás.

A construção desse espaço de cerimônias perpassa vários aspectos ritualísticos com orientação e técnica espiritual, tudo que é construído tem seu propósito segundo os fundamentos da umbanda e do próprio terreiro. Pinto e Freitas (1972) esclarecem que na preparação para abrir o terreiro “[...] há uma espécie de um abrigo ao lado. Nesse abrigo acha-se um otá sentado, representando Exú e Pomba-Gira, os guardiões desse terreiro” (PINTO; FREITAS, 1972, p.). Nesse assentamento muito conhecido como tronqueira sua função primordial é proteger o local de forças malignas carnisais e espirituais.

De fato, percebemos que o terreiro é um espaço sagrado, onde para adentrar os filhos precisam passar por um processo de purificação do corpo muitas das vezes através da tomada de banhos de ervas que tem por função equilibrar as forças "axé" dos filhos.

Também faz parte do constitutivo do local e do tempo sagrado às vestimentas que com traje específico para os dias de sessão – do tempo comum que se caracteriza pela cor branca. Há cores específicas para as sessões especiais ou outras linhas assim representadas: para linha de Exús e Pomba Gira que a cor predominante é o vermelho e preto. Para a linha de Oxóssi a cor predominante é o verde.

O tempo sagrado característico de toda religião é a própria reatualização dos eventos sagrados, comemorações, festas e feriados que tem o propósito de revitalizar a fé do grupo social. Nesse mesmo contexto há o tempo na umbanda, pois esse lhe é intrínseco.

Considerando a constituição da religião umbanda no início, ela esteve ligada ao catolicismo popular, emprestando o simbolismo material existente em seus santos e encontrados com certa representatividade nas entidades umbandísticas.

Dessa forma, a festa de Ogum, orixá da guerra, que se comemora no dia de São Jorge foi estabelecida no simbolismo do santo católico que traz a espada, o escudo e o material do qual foi fabricado, ou seja, o metal. Outro exemplo é a comemoração Oxóssi, orixá da caça, que se comemora no dia de São Sebastião. O simbolismo de relação material entre a entidade e o santo se referem as flechas, instrumento de casa e o tronco da árvore que representa a floresta. Essas festas

e obrigações assim como em outras celebrações de outras religiões, tendem a se repetir durante o passar dos tempos, de forma cíclica, com o propósito de manter a fé e agradecer pelas graças alcançadas.

Outro ponto na relação constitutiva do ser religião é a categoria cultura. Ela se impõe como ponto primordial para entender o fenômeno religioso, pois se cada cultura possui suas particularidades, seus ensinamentos e formas de ver o mundo, as religiões, e nesse caso, a umbanda possui seu olhar ímpar de análise do seu contexto religioso.

Suas características primárias emanam da tradição oral da cultura africana e culturas indígenas que passaram a compô-la. Também, possui anseios da doutrina Kardecista. Porém, é fortemente caracterizada como uma religião monoteísta, onde seu Deus supremo é chamado de Olorum ou Zambi. Em terreiros onde a cultura indígena é bastante influente podemos encontrar a denominação do Deus supremo como Tupã, mas independente da influência sobre o culto, se é indígena, africana ou kardecista, o ponto culminante da doutrina umbandista é a obediência aos valores, como a caridade, a fraternidade e o respeito ao próximo. (AZEVEDO, 2009).

A umbanda como toda religião, é um campo cultural, que possui seus ensinamentos, seus dogmas religiosos, suas práticas e costumes. Tal conhecimento religioso é difundido, principalmente, pela família, onde as características refletiram todo um contexto histórico. Como é notório afirmarmos que não existe cultura sem educação, podemos concluir que não existe religião sem educação cultural advinda do grupo pertencente ou do seio familiar.

Todos esses princípios constitutivos ao conceito de religião, a categoria do sagrado, e o entendimento de cultura nos faz conceber a umbanda como religião. Muitos questionamentos podem ser levantados sobre essa afirmação, mas o que indicamos é que a umbanda possui todos os elementos de composição de religião.

Considerações finais

Ao considerarmos que o mundo religioso não possa ser totalmente compreendido e racionalizado aos moldes cartesiano, cabe a nós pesquisadores procurarmos o entendimento e reflexão de cada segmento religioso, partindo dos pressupostos da própria cultura em que a religião está inserida, com esse posicionamento estaremos buscando respostas para diversas perguntas que rodeiam nosso universo, superando o “etnocentrismo esdrúxulo” e os preconceitos com o desconhecido.

Partindo de uma visão mais relacionada com a realidade e com as novas concepções epistemológicas podemos evidenciar a religião como elemento influenciador de grande importância

da construção da sociedade, na educação das novas gerações, na manutenção das vivências comunitárias ou em seu posicionamento diante das novas questões sociais que se impõem. Cada religião fala sobre a razão de viver, do sentido de existir no e com o ambiente, da validade das utopias, do enfrentamento das desigualdades sociais, retrata um horizonte numa perspectiva para a felicidade.

A religião é um sistema complexo que possui seu sistema de crenças, ideologia própria, doutrinas, todas essas ideias interligadas a forma peculiar de analisar o mundo, é um dos componentes marcantes de cada cultura que tem em seu meio o ser humano que crê. A religião é a forma de que o ser humano dá sentido à própria vida, sendo que acredita que depois da morte há uma vida espiritual e na vida cotidiana busca em suas divindades o exemplo a ser seguido e espelhado, toda essa esperança que a religião proporciona é relativo a fé, componente essencial de toda religião.

As categorias sagrado e profano trouxeram grande contribuição para o entendimento da religião, vimos que através da hierofania o ser humano religioso nomeia materiais e elementos naturais como peça importante para o fazer religioso, isso é característico também da religião umbanda. Existe em meio ao espaço sagrado uma batalha entre o bem e o mal onde o objetivo é a conquista do próprio humano.

A religião é um aspecto importante da cultura e analisando a religião dentro de uma ótica de dimensão da realidade social, nos deparamos com um complexo sistema de símbolos que influencia a vida do ser humano religioso. Essa vida é pautada de uma base doutrinária, onde a prática humana refletirá a ideologia religiosa.

Diante do estudo podemos perceber que a umbanda é uma religião composta por vários elementos que a colocam nesse patamar como o tempo, hierofanias, a sacralização de elementos e espaço e a crença em uma divindade maior, onde emana as forças da natureza através dos orixás.

Referências Bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, Rubens. **O que é Religião?** Coleção: Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 2008.

AZEVEDO, Janaína. **Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda**. Volume 2. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

COUTINHO, José Pereira. “Religião e outros conceitos”. In: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. Vol. XXIV, pp. 171-193, 2012.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Trad. de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, Clifford. “Religion as a cultural system”. In: BANTON, Michael (ed.). **Anthropological approachesto the study of religion**. London: Tavistock, 1966. pp. 01-46.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14° ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

PALEARI, Giorgi. “As religiões tradicionais, religiões Afro-brasileiras”. In: **Revista Religiões**. Volume II. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 1999.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura?** Coleção primeiros passos. 6° ed. São Paulo Editora Brasiliense, 2008.

SCOTT, John. **Sociological theory**. Contemporary debates. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 1997.